

# *Inivicta* *cinne*

ANO X

Nº. 188

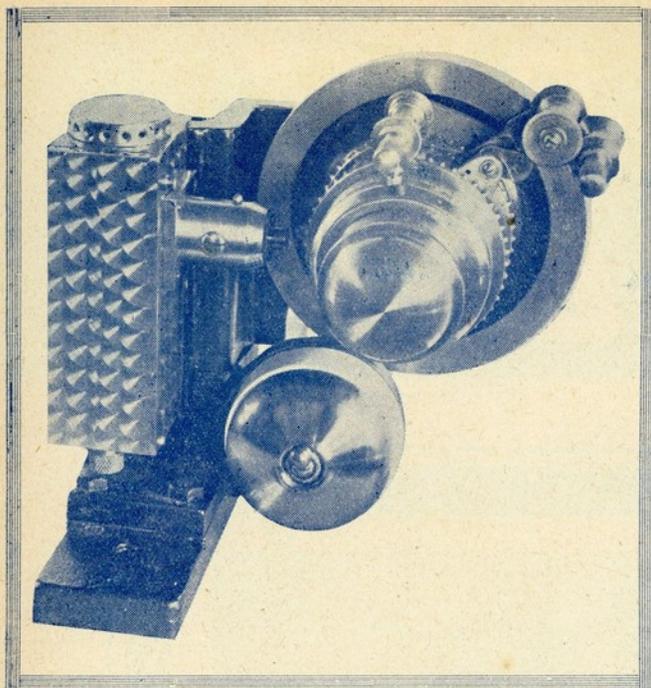


PAULETTE DUBOST

SEMANARIO ILUSTRADO  
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50  
c<sup>os</sup>



Nem sempre as instalações caras são a ultima palavra: a ultima palavra é:

**IMPERIAL**

a principal e inconfundível qualidade de

**IMPERIAL** é:

nitidez, selectividade, ampliação de sons e  
**SIMPLICIDADE**

Custa menos; evita as interrupções de espectáculos; adapta-se a todas as maquinas de projecção, trabalhando sem baterias.

Pelo preço não tem competidor

Os segredos das grandes receitas residem nas maravilhosas reproduções do  
aparelho

**IMPERIAL**

PEÇA INFORMES E CONDIÇÕES A'

**Companhia Cinematográfica de Portugal**

R. Eugenio dos Santos, 110-2.º

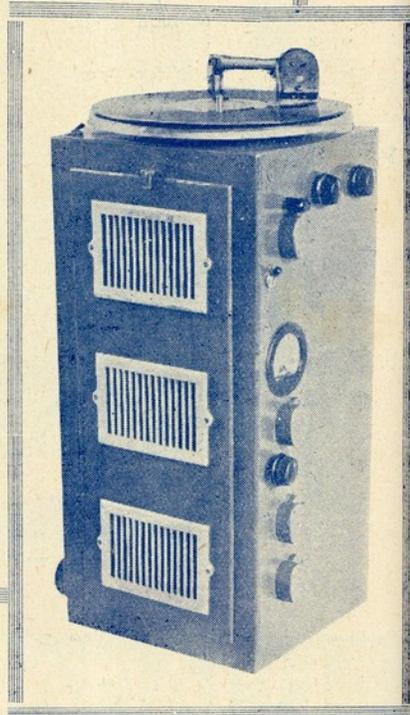
LISBOA

TELEFONE, 20347

Delegação no Porto

R. do Campinho, 3

TELEFONE, 4637



Muitos leitores, assinantes, amigos e correspondentes da provincia e do estrangeiro, nos enviaram cartões com cumprimentos de boas festas.

Entre êles o nosso amigo e conhecido realizador Rino Lupo, actualmente em Berlim; Lazare Léon, activo gerente da M. G. M. em Portugal; Agencia Cinematográfica H. da Costa, L.da, a casa alugadora de filmes que melhores produções nos tem apresentado; Julio Cesar Vieira de Sousa, dignissimo chefe da Publicidade da M. G. M., em Lisboa; os nossos simpáticos amigos Manoel Vilas Matos, Anibal Vinhais e Virgilio de Sousa, operadores do «São João Cine»; Manoel Tavares, representante nesta cidade da firma Castelo Lopes L.da; o nosso colaborador Aguiinaldo Machado; e os artistas Zita de Oliveira, Julieta Palmeira, Beatriz Costa, Alberto Reis e Heloisa Clara.

A todos os nossos agradecimentos com as respectivas retribuições.

Finalmente que os nossos intelectuaes se mostraram atentos a uma verdadeira obra cinematográfica de cujo valor já aqui se falou — «Raparigas do Uniforme».

No estrangeiro, de há muito tempo, as mais notáveis individualidades nas letras se têm manifestado interessadas pelo que diz respeito á cinematografia.

Em Portugal, mais atrazadinhos como é da praxe, havia e á para aí muito senhor a quem reconhecemos certos méritos que olharam sempre com relutância para as imagens animadas.

Veio «Raparigas do Uniforme» e — grande satisfação a nossa — muitos que nunca perderam tempo com essas coisas de cinema, escreveram colunas, fizeram elogios e consideraram-se sensíveis, abrindo excepção. Ainda bem. O cinema que há tantos anos vimos defendendo, vai demovendo essas renitencias.

Há mais: Antigamente os nossos diários não ligavam a mais pequena atenção aos filmes que se exibiam nos nossos cinemas.

Depois que o cinema se tornou sonoro e falado, é o contrário.

Dão todas as semanas umas descrições dos filmes apresentados, descrições essas com certa pretensão a critica e que por vezes nos fazem rir a bandeiras despregadas peia manifesta petulancia dalguns jornalistas que se julgam muito conhecedores de assuntos cinematográficos, só porque anteriormente escreviam sobre teatro. Depois é cada disparate!...

Mas são *jornalistas* da imprensa diária e convencem-se de que fazem uma linda figura.

O mais leigo cinéfilo, ás vezes, sabe muito mais do que esse senhores criticos nascidos com o cinema sonoro.

«S. O. S. Yceberg» é o título do novo filme realizado pelo conhecido Dr. Arnold Fank, de quem jamais se esquece «A Montanha Sagrada».

Leni Riefenstahl a sedutora intérprete dessa obra prima do cinema silencioso, trabalha tambem neste novo filme, tendo feito parte da expedição que se dirigiu á Groenlandia a filmar a maior parte das suas cenas.

George Milton vai ser intérprete dum novo filme dirigido por Léon Mathot — «L'homme Nu».

Estamos já vêr a adaptação do título em português quando o filme cá chegar — «O Rei do Nudismo».

Gina Manés que trabalha presentemente no filme «La Tête d'un Homme» debutou tambem com sucesso num cabaret parisiense.

# SOLUÇÃO ÚNICA

«Imagem» tem-se preocupado recentemente com a espantosa incultura cinematográfica do nosso público e de uma parte dos nossos criticos.

Eis uma verdadeira campanha de saneamento que merece o nosso aplauso e o nosso incondicional apoio.

Na verdade, é altamente lamentável que haja — como há — razões para podermos estabelecer a seguinte regra geral: — Filme bom que venha aos nossos écrans, é filme que fracassa.

Dispensamo-me já de apontar êsse imenso cortejo macabro de insucessos que corresponde a outras tantas obras-primas.

Duma maneira geral, podemos dizer que os filmes de mestres como Pabst, Chaplin, Eisenstein, Clair e Pudowkine ou não agradam, ou se conseguem colher um certo interesse da parte do público, êsse interesse é devido a causas incidentais — que não ao seu verdadeiro valôr.

\*

Na parte que respeita ao público, a culpa pertence quasi exclusivamente á imprensa, muito especialmente á imprensa cinematográfica.

Senão vejamos.

E' claro que nós não podemos exigir á grande massa de gente que frequenta as salas escuras uma cultura cinematográfica proveniente da leitura de bons autores estrangeiros e de aturado estudo. Não. Essa gente limita-se — duma maneira geral — evidentemente — a lêr as publicações nacionais e tudo o que sabe — que ou não é nada ou é errado — foi colhido nessa fonte.

Ora muito bem. As nossas revistas já tentaram porventura ir cultivando o público?

— Não!

Em lugar de lhe irem ministrando ensinamentos, falam-lhes de *sex appeal*; em vez de lhe explicarem o significado social de uma *Tragédia da Mina* ou de dissertarem sobre a personalidade de Pabst, narram-lhe a vida aventureira de Maurice; em vez de o prepararem para sentir bem toda a humanidade de *O Campeão* ou *O Homem que Matei*, contam-lhe o último escândalo de Hollywood; em vez de lhe proporcionarem leitura de trechos de Georges Altman ou de Mousinac, fornecem-lhe Orita Lage.

O resultado é evidente. O público, em vez de se ir insensivelmente cultivando e interessando séria e inteligentemente pelo cinema, vai-se estupidificando e preocupando unicamente com as ridiculas biografias inventadas pelos publicistas das estrêlas e com a quinta maneira de beijar de Greta Garbo. Queremos um público culto e civilizado?

— Primeiramente há que acabar com todas essas mentiras de que as revistas cinematográficas vêm cheias e substitui-las por artigos sérios, que se condicionem todavia com o estado primário do cérebro dos neo-cinéfilos, como lhes chama Rui Casanova.

\*

Quanto a um certo número de pessoas que para aí fazem crítica cinematográfica (agora uma, num diário do Porto, descobriu que *Scarface* era «pouco recomendável pela exposição e finalidade do tema»!!!) duma maneira que nos põe os cabelos em pé, há apenas uma maneira de correr com elas. E' ir apontando e comentando os seus enormes disparates e ir mesmo revelando corajosamente nomes. E note-se que eu, que reclamo estas medidas enérgicas, tambem rabisco apreciações criticas aos filmes. Por isso mesmo a minha opinião sobre êste assunto é francamente sincera, pois que eu próprio me coloco na contingência de ser corrido. . .

Sernando Barros.

# DA VIDA CINEGRÁFICA

A necessidade constante de agradar continuamente a um público volúvel e heterogêneo como o que frequenta as salas de projecções cinematográficas, é o principal factor determinante da diversidade de personagens que cada um dos artistas vai sendo obrigado a criar em filmes sucessivos.

A standardisação, em cinematografia, está ás portas do fim, porque o público começa a cançar-se já, porque a sua persistência levaria cedo à monotonia chocante e porque a arte, na senda constante do progresso, e não tolerará por muito tempo mais.

A função do astro da tela tornar-se-á cada vez mais difícil, pelo somatório das mais complexas qualidades que deverá reunir, mas poder-se-á também chegar a interpretações muito mais perfeitadas do que na actualidade.

O artista poderá interpretar, com a mesma facilidade, papeis os mais opostos, de galã a vilão, com muito mais propriedade do que até aqui. A especialisação deixará de existir, conseqüentemente e com ela ir-se-ão todos os vícios e defeitos em que caíram os chamados grandes artistas, deficiências unicamente possíveis da fidelidade dos géneros a que cada um se dedicou exclusivamente, sem preocupações maiores de renovação.

O caso de Greta Garbo está bem patente; não será sequer necessário dissecá-lo.

O gosto do público é inconstante, as suas predileções variam, incessantemente, de maneira tal e por fenómenos tais, que não é mais possível mante-lo fiel a determinado género e a certa vedeta.

O público deseja renovação continua, caras novas e processos novos.

Nada de standardisações, portanto; o «standard» evita o progresso, a perfeição—e o necessário é que se progrida em buscas do aperfeiçoamento máximo, impossível de obter-se à primeira tentativa, mas absolutamente susceptível de alcançar-se ao cabo de muita insistencia ordenada.

\* \* \*

Na ocasião em que estas linhas são traçadas, à pressa, ao ritmo de um jazz barulhento e desarmónico, está prestes a findar o ano.

Que surpresas nos trará o novo ano? 1932 foi demasiado duro; acolhido com esperança, com alegria, não fez mais que deslustrar-nos, deitando por terra todas as esperanças alvorçadas.

Destizaram-se muitas ilusões, de encontro à realidade brutal e implacável...

Muitos sonhos dourados, como o da Lilian Harvey, não tiveram uma única centelha de vida real...

Projectos lindos, admiráveis de concepção, viu-se, afinal, não estarem sustentados em mais que areias movediças, facilmente desmoronáveis ao primeiro contacto com o vendaval...

Os mares andaram revoltos, assolados por tempestades continuas, que tudo levaram ao naufrágio...

Tudo, não! A caravela levando a bandeira gloriosa da «Invicta-Cine», comandada por um capitão habil como o Roberto Lino, pôde todavia, mércé da pericia da sua tripulação, chegar ao porto do destino sem avaria de maior.

Rogosiêmo-nos!

\* \* \*

Repitamos: que surpresas nos reservará o novo ano?

Mistério! O que sabemos, sim, é que será acolhido com a mesma ansiedade, os mesmos desejos, as mesmas esperanças...

Tenhamos fé! Confiemos que 1933 resolva os problemas deixados sem solução, que a humanidade possa, enfim, gozar a felicidade pela qual tem lutado em vão.

Novais Castro.

## Todo o mundo deve divertir-se!

Estamos certos de que os leitores de «Invicta-Cine» pertencem todos a este seculo. Com isto queremos dizer que são pessoas modernas e que estão livres dos velhos preconceitos que unicamente serviram para reter os povos no seu caminho impetuoso para o progresso.

Antigamente e por desgraça ainda hoje, há quem creia que a diversão é um artigo de luxo, quando os médicos mais famosos do mundo e a própria pratica têm demonstrado ser um artigo de primeira necessidade.

O divertimento é tão importante para a saúde como a alimentação e em alguns casos muito mais ainda.

Hoje em dia os povos mais adiantados duram muitos mais anos e vivem-nos melhor. Todos trabalham e se divertem ao mesmo tempo. Andam mais do seu corpo e o seu trabalho intelectual é muitissimo superior.

A gente de má cara deve desaparecer e o sorriso, que tudo conquista, deve reflectir-se na face de toda a gente. Há que divertir-se e permanecer sempre alegre.

Por muitas que sejam a contrariedades da vida, devemos desafiá-la com um sorriso, do que todo o mundo faz caso; caras tristes ninguém as quer vêr.

O prazer honesto é para a alma o que o pão é para o corpo.

Ide ao cinêma, ao teatro, ao futebol, ao rugby, tantas vezes quantas possais e jámais vos arrependereis.

Procurai também que o vosso trabalho seja um prazer.

Aos poucos que o não fizeram nunca, o recomendamos agora, como o melhor conselho que lhes poderemos dar para um feliz o próspero ano, cheio de saúde e alegria.

## Uma arvore de Natal a sério

No filme «Absolvido», que acaba de terminar-se num estúdio de Hollywood, há uma cena que representa uma festa de Natal á volta de uma arvore tradicional. Uns trinta internados de um asilo de orfãos aparecem cantando nessa passagem.

No fim da cena, os asiados recebem os brinquedos que ornamentam a arvore. Alan Dinehart, galã do filme, sugeriu que fossem usados brinquedos autenticos e que se permitisse que os actorzinhos fossem contemplados com êles.

Calcule-se o contentamento de toda aquela petizada ao receber os lindos brinquedos que ornamentavam a bela arvore!

Quantos dos nossos gentis e peqüennos leitores não invejarão a sorte d'esses miúdos de Hollywood?!

Nem sempre é mentira aquilo que se vê nos filmes!

## Nós também jogamos Yó - Yó!

O presado camarada Fernando, de regresso da capital, trouxe-nos uns lindos yó-yós, que têm feito as delicias da rapaziada cá da redacção.

Temos disputado uns campeonatos renhidos, nos quais se tem salientado o Alves da Cunha, que maneja o aparelho como um autentico «miúdo».

Vocês não reparem se o jornal sair atrasado. E' que nós também temos direito de nos divertirmos.

Obrigado, ó Fernando!

## Hollywood. so-nho de todos!

Cada vez que, nos Estados Unidos da América do Norte, desaparece qualquer rapariga de casa, o primeiro pensamento das suas familias é Hollywood.

Efectivamente, o comandante da policia de Los Angeles, informa que durante o ano passado, teve que procurar mais de setecentas raparigas menores de dezoito anos, que haviam seguido para Hollywood com mira de entrar para o cinêma; das maiores de dezoito anos, nem fala a estatística!

A grande maioria não consegue mais que desilusões, mas isso não impede que a mocidade se arrisque continuamente?

## Marcelle Romée, morreu!

Numa noite fria de Dezembro,

emquanto na «feerie» de numerosas luzes multicolores se desenrolava o baile da «Comédie Française», uma mulher, pobremente vestida, corria ao longo das margens do Sena, junto de cujas águas errou a noite inteira, tinguindo de recordações dolorosas e procurando visões aterradoras.

E, ao despontar a aurora, enquanto morriam os últimos acordes do jazz na «Maison de Molière», essa mulher, Marcelle Romée, ex-socia da «Comédie-Française», confiou ao Sena, para sempre, o seu corpo extenuado e o seu coração dilacerado.

A sua carreira no cinêma foi curta—mas gloriosa. Suficientemente bastante, portanto, para fazer conhecer o seu imenso talento, pleno de sensibilidade, de encanto, de feminidade.

Paris, a França inteira, chora a morte da grande artista.

## Fósforo acceso!

Charles Bickford, um artista da «Columbia», que interpreta, geralmente, o papel de vilão, mas que é, todavia, muito gentil, possui um cabelo tão vermelho, que a sua maior preocupação é ocultá-lo sempre o mais possível; usa sempre chapéu e é difícil que o tire mesmo quando fala com alguma jovem.

Bickford desculpa-se, dizendo que não gosta que o tomem por um fósforo acceso, como já alguém lhe chamou!

## Ecos e Notas

Diz a imprensa estrangeira que um dos filmes mais notáveis do ano que findou é «I am fugitive from a chain gang». (Eu fugi da cadeia dos forçados) com Paul Muni, intérpre de «Scarface» e dirigido por Mervyn Le Roy.

—Maurice Chevalier tem aparecido ultimamente em vários teatros de Nova York, ganhando mais de trezentos contos por semana—isto convertido na nossa moeda.

—Dolly Davies é intérprete de um novo filme «A Loirinha das Folies», com Billie Dove e Robert Montgomery.

## UM MILAGRE DA TÉCNICA

# I. F. 1 NÃO RES- PONDE

A Ufa conclui actualmente a realização dum filme gigantesco: «I. F. 1 não responde».

«I. F. 1» significa Ilha Flutuante N.º 1, a primeira das ilhas flutuantes para aterrissagem de aviões transoceânicos, construída pelo engenheiro A. B. Henninger, segundo as sugestões do romancista Kurt Siodmak no romance que deu o título ao filme.

Sob os auspícios de Erich Pommer, o famoso director da produção, a Ilha Flutuante N.º 1 foi realmente construída em tamanho natural junto dum rochedo perdido no mar Báltico e que tem o nome de Greifswalder-Oie.

A «I. F. 1» é um verdadeiro campo de aviação erguido no meio do oceano. Esse colosso de aço ancorado a 2.000 metros de profundidade, tem 500 metros de comprimento e 150 de largo. A ponte superior eleva-se a 25 metros acima do nível do mar. Nela se encontram semáforos, guindastes, escritórios e um grande hotel. Sob a plataforma ficam as oficinas, as máquinas, a poderosa estação de T. S. F. e o depósito de carburante, para remunição dos aviões.

O peso total da «I. F. 1» ultrapassa 100.000 toneladas.

Toda esta instalação é mantida por três filas de tampões assentes cada um deles numa quilha de 4 me-



tros de altura. A altura total da quilha à ponte superior, é de cerca de 75 metros.

Não há que recear o balanço, pois, a plataforma assenta 42 metros de profundidade, e é sabido que os movimentos ondulatórios do mar se não sentem abaixo de 20 metros de profundidade.

Este cenário formidável, concebido segundo um plano rigorosamente científico e prático, enquadra um interessantíssimo argumento, em que figura uma única mulher.

O filme está sendo realizado em três versões, alemã, inglesa e francesa. Em Portugal veremos a versão francesa, que será apresentada pela Agência H da Costa assim que estejam concluídos os trabalhos de montagem, segundo a tradição que esta casa foi a primeira a estabelecer para o nosso país.

O encenador da versão francesa é André Bencler. Os seus intérpretes

principais são Jean Murat, Charles Boyer, Pierre Piérade, Marcel Vallée e Danièle Parola.

A impressão que os actores sentiram perante essa engenhosíssima construção, essa imensa plataforma de aço que lembra uma praça dum cidade ultra-moderna, perdurará durante largo tempo. Inúmeros jornalistas têm visitado essa verdadeira obra-prima da engenharia contemporânea, e são unânimes em proclamar a sua magnificência.

Um filme cuja acção decorre em tão imponente quadro é forçosamente uma obra formidável. A audácia dos realizadores ultrapassa a que manifestaram realizando *Metropolis* e *Mulher na Lua*. Pode mesmo assegurar-se que não será tão cedo ultrapassada.

Por isso os cinéfilos de todo o mundo aguardam com impaciência a apresentação de *I. F. 1 não responde*, verdadeiro triunfo da técnica moderna.

*Algumas imagens da imponente produção da U. F. A. a que nos referimos neste artigo*





Charlie Chaplin e sua primeira mulher Mildred Harris

# UM DOS PRIMEIROS ESCANDALOS DE HOLLYWOOD

Deu-se já lá vão 11 anos pouco mais ou menos...

Nesse tempo, a escandalosa Hollywood escondia-se num veu de fantasia que nos impedia de vermos nela uma cidade, como tantas outras, corcoda dos mesmos vícios e das mesmas paixões.

Os seus habitantes partilhavam do mesmo disfarce.

E os cinéfilos de então, rodeavam os astros duma certa dose de fanatismo tornando-os diferentes dos outros seres humanos, quando afinal de extraordinário só tinham o ser artistas de cinema.

Depois, contavam-se maravilhas da vida que levavam os artistas na Cinelândia, as suas originais manias, as suas festas, fazendo-nos crer que nenhuma sombra nem contrariedades deles se acercavam.

Pouco e pouco a lenda foi-se desfazendo e Hollywood, bem como as suas vedetas, foi-nos aparecendo tal qual é, inferno febril, onde só se triunfa por escândalo e intrigas.

Um dos primeiros escândalos que de lá nos vieram destruindo a lenda da Hollywood Paraíso Terrestre foi originado por o maior de todos: Charlot.

E' sem duvida a êle que os americanos devem a criação, do escândalo grande sucesso, o qual nem sempre dá os resultados que dêle se esperam.

O seu primeiro divórcio, em que êle e Mildred Harris foram os protagonistas, foi uma decepção para o grande público.

Mildred fez as mais absurdas afirmações a propósito de Charlie e êste recolheu-se a um silêncio que muito o comprometeu perante os seus admiradores que viram no seu mutismo a verdade.

A princípio, ainda alguns dos seus ardentes "fans" duvidaram da

autenticidade das afirmações de Mildred. Mas as tragédias conjugais do grande artista, com o decorrer dos tempos, vieram-nos mostrar que Charlot sendo um excelente artista é de facto um mau marido.

Concordamos que em Hollywood seja muito difícil ser-se um marido exemplar e demais quando se é um Charles Chaplin.

São curiosas algumas das afirmações acêrca da sua maneira de viver, feitas há onze anos, e ao quais nos obrigam a pensar que Chaplin de então para cá pouco ou nada mudou, continuando a ser a mesma creatura que só pensa na sua arte e para quem todas as outras coisas são secundárias, inclusivê o amor.

«Foi para mim a época mais feliz da minha vida a que antecedeu o meu casamento e a pior depois de que nos casamos. O quanto era de tratável antes de casar, tornou-se insuportável depois. Um dos seus prazeres era humilhar-me. O meu casamento foi uma desilusão completa. Quanto mais perto estava de mim, mais longe andava o seu espirito do meu. Para lhes demonstrar a consideração que por mim tinha vou-lhes contar uma das suas.

«Uma ocasião prometeu-me um carro último modelo. Julgam que êle mo deu? Um carro daquêles que êle estoura nos seus filmes.

Quando nos casamos, não tinha um par de peúgas que não estivesse rôto ou apassajado e como as peúgas, toda a roupa branca. Como diz ter ideias socialistas, qualifica de crime a comodidade e o aceio. Há uma outra mania que me enervava ao máximo e a qual consistia em andar em casa, para traz e para a frente, quando chovia. Quanto mais chovia mais andava. Apesar de tudo, que seja muito feliz, que encontre quem o entenda e o faça venturoso são os meus mais ardentes desejos».

Assim falou há 11 anos a ex-mulher do grande mímico. Apesar dos votos que ela lhe tributou no sentido de encontrar quem o fizesse feliz, Charlot ainda não encontrou a dita creatura. Nesta história de mulheres, Chaplin é duma infelicidade espantosa, porque as que lhe tem aparecido são só para fazer... negócio.

Quanto ás suas ideias socialistas se só assentavam no seu horror ao comodismo e ao aceio, podem os socialistas riscá-lo das suas listas, porque Charlot já deixou de o ser há muito tempo.

Haja em vista a sua recente viagem à Europa...

Cabe-lhe pois, bem como a sua ex-mulher Mildred Harris, a honra de serem os introdutores dêste género de escândalo não só em Hollywood, como na América, onde é, como sabem, longamente apreciado.

Deu-se isto já lá vão 11 anos pouco mais ou menos...

A Rodrigues d'Almeida.

---

Jeannette Mac Donald veio passar as festas de natal e ano bom em Cannes (França). E' muito possível que ela trabalhe desta vez num teatro parisiense, durante a sua estadia em França.

—Clara Bow chegou a Londres, há dias, em companhia de seu marido Rex Bell. Depois de visitar Paris, dirigir-se-há a Berlim.

---

## FOTOGRAFIA GUEDES

Primeiros prémios em todas as exposições a que tem concorrido  
346-Rua de Santa Catarina-350

# A NOVA SADIE THOMPSON JOAN CRAWFORD



Joan Crawford e a sua «mascotte»

Joan Crawford não é o seu nome de baptismo. É um pseudónimo artístico como o que arranjaram tantas outras—Betty Riggs—Evelyn Brent; Gladys Smith—Mary Pickford; Luisine Compson—Betty Compson; Jean de la Fonte—René Adorée;—e porque Joan Crawford antes de ser artista de cinema se chamava simplesmente Lucile Le Sueur, ou melhor ainda Lucile Cassin, apelido porque era mais conhecida e por ser este o apelido de seu padrasto Harry, proprietário de um teatro em Lawton (Oklaoma) com quem vivia na companhia de sua mãe.

Como todas as vedetas de grande nome, Joan escreveu também as suas memórias em várias revistas americanas.

Focou a sua vida, os seus sucessos e os seus fracassos segundo confessou, mas ao iniciar os traços da sua existência, hesitou um pouco—é que não se lembrava onde nascera, nem tampouco a data de tal acontecimento.

E sem mais preâmbulos, explicou que isso não interessava afinal de contas. Alto lá! Pensaram alguns cinefilos e seus admiradores. Quereria a famosa «vénus americana» encobrir a sua idade?!

No entanto, o jornalista que tudo descobre ou inventa descobriu ou inventou também que Lucile Cassin nasceu em Santo António de Texas no ano de 1905.

É ainda o que nos vale — a «argúcia» dos nossos camaradas americanos para estas coisas.

Verdade seja que para nós, como ela disse, isso não interessa grandemente. Tem a idade que aparenta — eis a nossa melhor razão.

E quanto ao nascimento, só nos faria exaltar se se tivesse dado em Portugal...

Joan nas suas memórias, recorda-se de que viveu grande parte da sua infância ao lado do seu padrasto. Isto convém frizar se porque marca a origem da sua inclinação artística.

Com o entusiasmo natural de todas as crianças em imitar e vendo os artistas no teatro de seu pai adoptivo, promovia espectáculos com pequenos amigos da sua idade. Era o destino a esboçar-se na pequena Lucile, cujas travessuras e habilidades artísticas eram notórias.

Incidentes entre seus pais afastaram-na porém de ao pé de sua mãe e de seu pai adoptivo. Conheceu então o autor dos seus dias que a internou num convento. A vida morna e insípida dessa casa onde se achou reclusa, não se coadunava nada com o seu espírito vivo e irrequieto.

O mundo, a vida livre e desgarrada, de aventuras em busca do sucesso, eram a sua obsessão. O seu temperamento de mulher, sequioso de animação pedia cada vez mais a satisfação dessa ância de liberdade que ela sentia indomável.

Saiu um dia do convento e foi dançar num cabaret de Kansas City, ganhando o pri-

meiro prémio dum campeonato da especialidade. Isso atçou nela o desejo de consagrar-se á vida artística como bailarina. Mas para lançar-se nessa carreira, só um recurso existia, perante a família:— fugir.

E foi o que ela fez.

Broadway!

É a atracção de todos os futuros artistas dos palcos americanos.

Trabalhar nêsse bairro de Nova-Yorque, onde se mostram os mais celebrados artistas, mesmo como comparsa, figura secundária ou terciária, é estar mais perto da fama, é andar com mais probabilidades de conquistar um relêvo superior, se se tem talento... e mesmo sem êle.

Não é pois de estranhar que Lucile Cassin, hoje Joan Crawford, para lá se dirigisse.

Numa bela manhã do ano de 1922, transpunha ela a entrada dum teatro da Broadway, á procura de emprego, cheia de esperanças, segura da conquista de um logar, invejado e difícil de obter para tantos.

O que se passou lá dentro não o sabemos; como a recebeu o empregário, como procurou êla convencê-lo. A verdade é que na noite do mesmo dia Lucile Cassin apparecia no palco ao lado de outras bailarinas. Andou com sorte. Assim começou a sua carreira de artista. E certamente ainda hoje continuaria nessa profissão, se um homem de cinema, um tal Harry Kapf, não a tivesse notado e contractado para apparecer no filme *Pretty Ladies*.

Deixou a dança e consagrou-se então ao cinema, onde adivinhava a sua verdadeira vocação. Trabalhou depois em «O Trapeiro» com o pequeno Jackie Coogan, o famoso «garoto de Charlot».

Muitos filmes se seguiram:

*O Desconhecido* com William Haines, *Rose Marie* com James Murray, *Uma Noite em Singapura* com Ramon Novarro, *O Cadete de West-Point* com W. Haines, *Piratas Modernos* com John Gilbert, *O Novo Campeão*, etc.

Em qualquer dêstes deve reconhecer-se que Joan Crawford não teve papeis que a impuzessem como grande artista. A sua fama até então era devida principalmente á extraordinária publicidade que a empreza produtora dos seus filmes fazia á sua pessoa.

Eram apeis ligeiros de rapariga sentimental, amorosa ou leviana; correctos, é certo, por vezes atraentes mas sem lhe darem oportunidade para manifestações de grande talento—dos seus dotes apurados por uma fina sensibilidade de artista, como vem demonstrando já na nova fase do cinema. Com o fonocinema Joan Crawford está sendo melhor aproveitada.

*Dentro da Lei e Fascinação* os seus mais recentes filmes projectados nos nossos

cinemas e aos quais já tive ocasião de me referir aqui na «Invicta-Cine», confirmam plenamente esta afirmação. E talvez por isso, confiaram-lhe agora uma das mais difíceis interpretações em tempos creada por Glória Swanson, o papel de Sadie Thompson em *Rain*. Quem viu a versão muda e parece-me que a primeira, há uns dois ou tres anos ali no «Batalha», pôde avaliar a importancia desse grande papel que Joan acaba de ter a seu cargo e as vastas possibilidades que oferece êsse desempenho duma mulher perdida pelo pecado e que um padre procura regenerar para cair também seduzido pela tentação dessa mulher. Uma actuação de talento.

O capítulo amoroso de Joan Crawford teve grande retumbância. Douglas Fairbank Junior, hoje seu marido, é o seu apaixonado. O amor que os dominava pedia a comunhão das suas almas, dos seus desejos.

Mas Douglas pai opunha-se a que seu filho casasse com Joan Crawford. E os dois namorados artistas casaram-se secretamente.

A imprensa fez alarde da questão. Uns acreditavam nêsse casamento, outros não.

E um dia resolveram fazer a confirmação official.

Douglas Fairbanks pai rendeu-se á evidencia do acontecimento e actualmente parece que pensa o melhor possível da sua simpática nora.

A verdade é que Fairbanks Junior e Joan Crawford formam um dos poucos casais mais unidos e felizes da Cinelândia.

J. ALVES DA CUNHA

## LEITORES AMIGOS

A melhor prova de simpatia que podeis dar á *Invicta-Cine* é mostrá-la e recomendá-la aos vossos amigos. Os amigos dos nossos leitores, nossos leitores devem sêr.

# Jornal H. da Costa

## UMA OPERETA MODERNA O PRINCIPE DA ARCADA



No balanço do ano cinematográfico de 1932, entre os filmes exibidos no país vizinho, os críticos espanhóis são unânimes em reconhecer *O Príncipe da Arcádia* como uma das melhores películas da temporada.

Na realidade, trata-se duma opereta muito original, alegre como só ela, provida de lindíssima música e desempenhada com *entrain* pelo mais popular dos galãs alemães Willi Forst, ao lado da encantadora Liane Haid.

Quando da sua apresentação em Lisboa, no Central, onde se manteve duas semanas no cartaz, com grande êxito, público e crítica foram unânimes em reconhecê-la como tal.

A história que serve de base ao filme é engraçadíssima.

Quando os ministros o obrigam a abdicar, o Príncipe da Arcádia partiu para a Riviera, disposto a gozar a alegria de viver como um simples mortal sem preocupações políticas nem pesadelos de intriga.

Uma noite, acontece-lhe uma aventura extraordinária. Num caminho solitário parou o automovel e carregou três vezes na buzina, para ver se funcionava bem. Qual não foi

o seu espanto ao sentir cair qualquer coisa junto de si. Nada menos que um molho de chaves. E ainda teve tempo de ver uma mulher fechar uma janela e correr a cortina...

Embora compreendesse que as chaves lhe não eram destinadas, o príncipe não quiz perder a inesperada aventura e, servindo-se duma delas, entrou...

Na manhã seguinte despediu-se da sua misteriosa companheira, prometendo não tentar encontrá-la novamente.

Mas, passados dias, encontra-a num baile, e sabe quem é: uma atriz que fôra expulsa de Arcádia por ter cantado uma cançoneta alusiva à sua real pessoa...

Fiel à sua palavra, o Príncipe fingiu não a conhecer. Mas a atriz, julgando que era por causa da canção, saiu do baile zangadíssima.

A Rainha-Mãe pretende casar o seu real rebento com uma menina da sua estirpe. Mas o Príncipe não pensa senão na atriz...

E, mais tarde, depois de várias peripécias, quando obtém a explicação das chaves atiradas da janela, faz dela sua mulher.

## **ITENERARIO DUMA VIAGEM DE NUPCIAS...**

Albert Préjean casou com Brigitte Helm. Em segredo, porque não há nada mais prejudicial para a carreira duma artista que um casamento. E' preciso deixar a todos os admiradores da estrela a ilusão de que ela é ainda livre...

Préjean não cabe em si de contente e vai comprar dois bilhetes para a viagem de núpcias que projectara realizar a Capri.

Mas eis que Jim Gérald, transformado em grande producer, propõe a Brigitte Helm um ótimo contrato. Condição: partir naquela mesma noite para Paris, sacrificando Préjean e a viagem nupcial.

Brigitte, aceita a condição. Mas Préjean não se conforma. E resolve partir para Capri... na companhia de Jacqueline Made, empregada numa agência de viagens. E o resto?... Não percam tempo a adivinhar, porque não seriam capazes.

Além disso, é inútil. Basta ter um pouco de paciência e esperar pela estreia no Porto de «Viagem de Núpcias» o novo filme do autor de «Dois num Automóvel» que tão grande sucesso está alcançando em Lisboa.

### CARTAZ

Filmes da AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, L.da,  
em exhibição

No Porto:

**S C A R F A C E**

no SÃO JOÃO

**O Príncipe da Arcádia**

no dia 10, no TRINDADE

Em Lisboa:

**VIAGEM DE NUPCIAS**

no SÃO LUIZ

**A Leste da Ilha de Borneo**

no CENTRAL

**CRESSY & JANOU**

# BAILARINOS FAMOSOS, QUE SÃO PORTUGUESES!

Leves desconsiderações sobre a dança e  
algumas verdades que é bom conhecer



Principio por uma confissão sincera: não sei e penso nunca saber dançar!

A razão, e farta razão, apesar de não merecer as honras dum registo em letra de fôrma, vai ficar aqui para conhecimento dos meus presados e pacientes leitores—se alguns tenho de verdade.

A dança, tal qual a vejo praticar nos salões que freqüento—um jóven *sinéfilo* (não confundir com cinéfilo...) agarrado a uma *sinéfila*, às voltas numa sala muito iluminada e ornamentada por damas enxundiosas e respeitáveis, ao som dum tango muito lânguido e muito triste, evocador de mil tragédias de amor e sangue em plena *pampa* argentina,—é uma doença difícil de curar, que faz as pessoas estúpidas, apaixonadas e com queixa do peito.

O rapazinho começa pelo *sagrado* desejo de querer aprender a dar os primeiros passos; depois, aumentando-lhe o interesse dia a dia, vai gostando, aumentando de entusiasmo, de crença, até endoidecer por um bailarico e não fazer outra coisa senão procurar onde se danse até altas horas da madrugada.

E muitas vezes (a estatística reza que há 99 para um!) esquecem os deveres cívicos, mentais e sociais, para só se entregarem de alma, coração e pernas ao *fox-trotte*, ao *one step* e à *biguine* ou ao *charlston*...

Como exemplos podia aqui referir-me a vários cavalheiros das minhas relações e outras tantas meninas das minhas relações, mas não. O leitor ou a leitora conhecem o assunto tam bem como eu—se calhar tambem sabem dançar e são perdidi-nhas pelas valsas como alguns camaradões cá da «Invicta»...

Mas vamos ao *sério*:

\*

Cressy & Janou—dois bailarinos portugueses que já são famosos e que ora se apresentam no palco do

Teatro Sá da Bandeira,—merecem-me hoje, por direito do seu valor, por justiça e por merecimento, êste leve chorrilho de lugares comuns enaltecendo as suas qualidades artísticas.

Nunca gostei de o fazer assim, encadeando palavras, adjectivos sonoros, panegíricos, nem sempre compreendidos pela massa que lê e que por natureza está afastada do segrêdo dos bastidores. Prefiro enumerar sucessos, lembrar qualidades, indicar creações e esperar que o público vá ver, vá admirar e vá dar palmas.

Comecemos:

Cressy & Janou não começaram por receber aplausos das plateias nacionais; fôram mais longe. Em Espanha, França, Brasil e Africa conheceram as glórias que todos os artistas desejam.

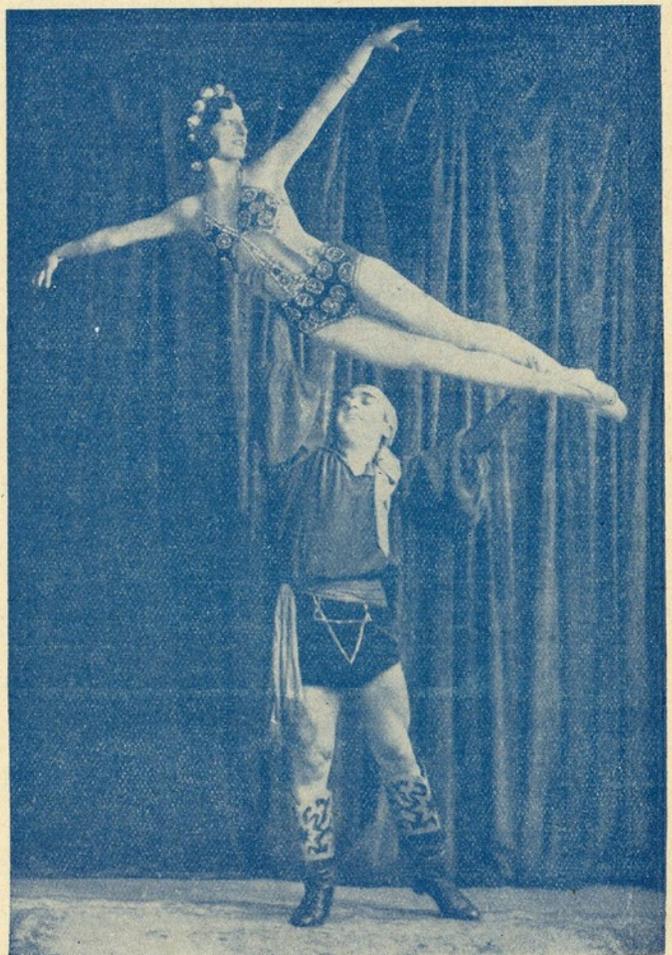
Eu conheço a sua *odisseia* vitoriosa. Pelos jornais, pelos programas que possuem, eu fiz com êles a grande viagem das suas vidas. Fui a Madrid, a Berlim, a Viena, percorri a Africa tôda, as colónias portuguesas, o lindo Brasil e já cansado por esta *violenta* derrota, parei no acolhedor camarim do Sá da Bandeira. Falamos em pequenos detalhes, minudências que sabem bem recordar—êles estiveram em certo café da capital da Espanha, eu estive também; êls trabalharam no «Empire», de Paris, que só apresenta celebridades, que mostrou aos franceses a Jeanette, Mac Donald, o Petit Maurice e o Bouboule, eu lá estive também apiudindo os *ídolos*, olhando aquêlo palco iluminado por

(Conclui na última página).

■■■

Duas  
Figuras  
estilizadas,  
que já  
muitas  
plateias  
aplaudiram.

■■■



# OS FILMES QUE VAMOS VER QUE NÓS VIMOS

PELOS CINEMAS DO PORTO

*Scarface*—(Vêr critica no nú nero anterior).

*Trindade*—*Uma Hora Contigo* (Vêr critica no n.º 184)

*Mata-Hari*—(Vêr critica n.º 186).

*Rivoli*—*A Favorita do Imperador*

Otto Gebühr um dos melhores actores com que conta a cinematografia alemã, mais uma vez tem a seu cargo o papel de Frederico II da Prussia neste filme cuja acção se desenrola nos tempos do grande imperador, devoto excelso da música, militar extraordinário de astúcia heróica, e nobre de sentimentos. O seu papel é desenhado com a mesma naturalidade de *O Concerto Rial de Sans Souci*. Mas o mesmo se não pode dizer já de *A Favorita do Imperador* que sendo dada com a mesma suntuosidade de «mise-en-scène» daquêla, se mostra inferior pela pobreza de movimento—a despeito do seu equilibrado conjunto interpretativo, dalguns dos seus magníficos exteriores, da sua perfeita e hábil fotografia e da sua excelente música, elementos favoráveis á confecção de uma película agradável, mas não essenciais.

O realizador Friedrich Zeluik: não cuidou do primordial factor—a montagem—com a necessária habilidade. E assim deu-nos cenas atraentes, quadros bonitos, mas sem uma sequencia por vezes muito satisfatória.

No geral esta producção é lenta e um pouco pesada mesmo para o grande público, não sendo apezar de tudo um filme para desprezar—sobretudo por aquêles que adoram vêr sempre no «écran» revividos os idos tempos da galanteria e das crinolinas.

Lil Dagover e Hans Stüve, desempenham-se bem dos seus papeis e sobretudo a primeira, mulher duma beleza pouco vulgar e artista inteligente.

*Rivoli*—*Que Viuva!*

Se a minha rica leitôra fôsse casada com um velhote possuidor duma fortuna de cinco milhões de dollares, eu queria que me dissesse o que faria quando se achasse viuva com tanto dinheiro, sendo mulher nova e bonita.

Faria talvez como a Glória Swanson em *What a Widow*. Começava por uma *révanche* em forma dos dias desconsolados do seu casamento.

Agarrava nas malas e numa carta de crédito, mudava de continente e toca a fazer loucuras, muitas loucuras. Ao vêr bailarinos, seria doidinha por valsas, ao vêr músicas



Uma imagem do mais extraordinário filme de aventuras «A Leste da Ilha de Borneo», que a Agência Cinematográfica H. da Costa apresenta na proxima semana no São João Cine.

gostaria da música, e ao vêr cantores gostaria de estudar canto, e assim por deante... Encomendaria uma montanha de vestidos para «épater» o mundo elegante e o tempo não lhe chegaria para tôdas as extravagâncias que lhe permitiriam o seu dinheiro e a sua louca ambição de gozar á farta. E finalmente após tanta diversão e as respectivas contrariedades acabaria amarradinha a outro marido, mais do seu gôsto e do seu amor.

Eis a história desta espirituosa comédia dirigida por Allan Dwan com a simpatiquissima Glória Swanson que aqui tem um trabalho extraordinário, cheio de vida e mocidade o que mais confirma o seu talento de grande artista porque Glória já não é muito nova. A história é um tanto disparatada e com certo sabôr a comédia de Mack Sennett (notem que Glória começou como banhista daquêle productor) agrada no entanto plenamente pela maneira apurada como Allan Dwan a conduziu, sem se preocupar, apezar de tudo, em fazer um filme de «cinema».

A gente diverte-se imenso com a Glória Swanson que se farta de barafustar, aprecia a sua linda voz quando êla canta e as mulheres gôstam certamente de olhar as suas inúmeras «toilettes».

Decorações vistosas e um conjunto de artistas dignos de apreço, especialmente Oweu Moore e Lew Cuddy. O primeiro num papel de amoroso simpático e o segundo no de um homem constantemente dominado pelo whisky.

«Que Viuva!» é uma magnífica comédia que agradará a tôda a gente.

J. A. DA C.

PELOS CINEMAS LISBOETAS

*Odáon*—*Embaixador sem Cerimônia*.

Eis uma excel-nte comédia que nos mostra a influência dos americanos numa côrte sorumbática.

E', indirectamente, uma espirituosa sátira aos seus costumes, e tanto mais notável quanto é certo que é feita pelos próprios americanos.

Certos detalhes são até apresentados muito á maneira de René Clair, e de uma graça indiscutível. A comparência do carniceiro estrábico, os restolhos da revolução que já não são enviados pelos creados da casa impassíveis e habituados, os cumprimentos democraticos do embaixador americano (Will Rogers), em contraste com a pose da côrte grávida de preconceitos protocolares, são idéas fáceis de belos efeitos.

Will Rogers, que em *Tio Sam na Côte do Rei Artur* tinha dado uma pálida idéa do seu valôr, mostra-se em *Ambassador Bill* um bom actor, com um á vontade desusado. Margueritte Churchill e Greta Nissen coadjuvam-no.

Realização, de Sam Taylor, movimentada, como é exigido.

C. V.

*O Rei dos Palacos*—A crítica a êste filme feita no número passado saiu com o titulo grialhado:—O Rei dos Polacos.

ANO X  
N.º 188  
Porto, 7 -- Janeiro -- 1933

INVICTA CINE

SEMANÁRIO — DE — CINEMATOGRAFIA

REDACÇÃO:—Rua Bela da Fontinha, 14-A

PORTO — PORTUGAL

Director: Roberto Lino — Propriedade: Emp. Invicta Cine

Visado pela  
C. de Censura

Comp. e Imp.—Diário do Porto

REDACTORES

J. Alves da Cunha  
Fernando Barros  
Emilio Loubet  
C. Vasconcelos

EDITOR  
João Soutinho de Oliveira  
ADMINISTRADOR  
Joaquim A. Teixeira  
COLABORADOR ARTÍSTICO  
Fernando Lacerda

# OLIMPIA

APRESENTA NA  
PROXIMA SEMANA

Uma grande estreia da METRO - GOLDWYN - MAYER

## MULHER X

(MADAME X)

toda falada em espanhol,  
representada entre nós com o título

### A Primeira Causa

PRINCIPAIS INTÉRPRETES

Maria Ladron de Guevara - José Crespo - Rafael Rivelles - Carmen Rodrigues-Luiz Llana - Manoel Arbo - Antonio Vidal, etc. etc.

Realização de CARLOS BORCOSQUE

Paisagens interessantes da America do Sul e Oriente

#### Bailarinos famosos que são portuguêses!

(Conclusão)

milhões de lâmpadas onde eles conheceram uma noite que não lhes esquecerá jámais.

E já no fim, espectáculo terminado, tomando café, eles lembraram a primeira e única vez em que o cinema precisou d'êles, para filmar certa cêna de bailado num terrível bar de apaches, no *bas-fond* da grande cidade da Luz.

\*

E é por isso que eu apreciando bem, compreendendo e admirando os verdadeiros artistas do baile, os bai-

#### Na capa

Paulette Dubost

Uma das intérpretes da super-produção de Erich Pommer para a Ufa. «Eu de dia e tu de noite» que brevemente se estreia no S. João Cine.

larinos que sabem dansar, não tolero aquêles *meninos* que se dedicam a uma arte tam difícil, tam incompreendida e tam cheia de beleza, que só os mestres como Cressy & Janou sabem interpretar rigorosamente—deixando-me ficar no pequeno número daquêles que olham para os bailados como apaixonados platônicos...

Emilio Loubet.

#### Stroheim vai dirigir "As Ordens de V. Alteza,"

Janet Gaynor e Henry Garat vão interpretar para a Fox no filme «A's Ordens de Vossa Alteza».

A Fox comprou os direitos d'êste filme, á Ufa, que era interpretado por Kate de Nagy e Willy Fritsch na versão alemã e Lilian Harvey e Henry Garat na versão francesa.

A direcção deste novo filme em Hollywood ficará a cargo de Eric Von Stroheim. Lêram bem! Eric Von Stroheim! E' de esperar grande coisa... se o apreciado director austriaco concluir a sua obra, sem encomodos.

## BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA pelas Ex.<sup>mas</sup> Empresas dos Cinemas:

AGUIA D'OURO

OLYMPIA

ODEON

Encerrado temporariamente

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 12 de Janeiro, ou 14 de Janeiro de 1933.

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 14 de Janeiro de 1933.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste BONUS, não têm direito a entrada gratuita.

# **CASTELO LOPES,** **LIMITADA**

A firma detentora dos  
melhores filmes euro-  
peus e americanos

Apresenta esta se-  
mana no cinema

**R-I-V-O-L-I**

a super comédia reali-  
zada por Allan Dwan

## **QUE VIUVA!**

delicioso fonofilme  
com os consagrados  
artistas:

**GLORIA SWANSON,**  
Lew Cody, Owen  
Moore e Margaret  
Livingston